

# Revista Adventista

## O OBJECTIVO DA GRANDE SEMANA DE 1951

A Grande Semana do ano corrente (1-8 de Setembro) destina-se a auxiliar a compra de uma propriedade para a Escola de Preparação Missionária, em Portugal.

Até ao presente temos estado numa propriedade alugada, com um bom edifício, mas cuja parte rústica fica muito aquém daquilo que ambicionamos e necessitamos.

Impõe-se a aquisição, em local conveniente, de uma propriedade de rendimento, onde funcione a nossa Escola, com o mínimo de condições indispensáveis. Não nos temos poupado a esforços para a encontrar, e esperamos que se nos depare em breve aquilo que há tanto tempo procuramos.

Uma Escola de Preparação Missionária, com edifício nosso e com um corpo docente consagrado, é talvez a necessidade mais imperiosa do nosso campo, no momento presente. Lutamos com uma angustiante falta de obreiros preparados. Lutamos, não só nós em Portugal, mas os nossos irmãos de Angola e Moçambique.

Não pôde deixar de nos sensibilizar o generoso gesto da Divisão Sul-Europeia, dedicando a tão urgente problema a Grande Semana deste ano.

Outros campos desta mesma Divisão estão fazendo os seus esforços para nos auxiliar, e todos sabemos os esforços exigidos em especial por esta Campanha.

Seria menos do que aquilo que de nós se espera se nos limitássemos a atingir o alvo proposto para cada igreja.

Não descansemos enquanto, pelo menos como gesto simbólico, não tivermos ultrapassado na medida do possível o nosso alvo.

Estamos certos de que o Senhor nos ajudará a ter esse privilégio.

*E. Ferreira*

# ESCOLA SABATINA

## *Deverá encurtar-se o tempo consagrado à lição do dia?*

A Escola Sabatina é a Igreja ao estudo. A lição por grupos representa para este fim um estimulante poderoso e revela-se, por conseguinte, de extrema importância. Cada membro da Escola tem por meio dela ocasião de participar directamente nos serviços do Sábado, e deseja preparar-se para essa discussão hebdomadária pelo estudo diligente da lição durante a semana.

Recomenda-se em geral que se reservem trinta minutos para a lição do dia. Esse tempo poderá ser encurtado sem prejuízo espiritual para a Escola? A esta pergunta, directores, professores e membros consultados responderam unânimeamente: Não. Alguns acrescentaram: «Se for necessário encurtar a Escola Sabatina, encurtem-se outras partes do programa mas não a lição do dia».

A lição do dia é em certo sentido a meta para a qual nos dirigimos logicamente desde o começo da Escola Sabatina; desempenha, por isso, um papel capital na realização dos verdadeiros objectivos desta instituição.

Se os alunos desejam que a classe dure menos tempo, a culpa talvez seja do professor: ou ele não sabe suficientemente a lição, ou o seu método de ensino é defeituoso; podem também observar-se simultaneamente os dois motivos.

Já tivestes a obrigação de passar a classe sabendo que não estáveis preparado? Ao cabo de dois ou três minutos, os vossos alunos talvez já tenham dado conta disso. Com o nariz constantemente no trimensário, não tínheis a certeza da exactidão das respostas dadas pelos membros da classe. Faltavam-vos as ilustrações. O vosso embaraço aumentava à medida que o tempo passava, e, não menos ardentemente que as vossas «vítimas», desejáveis ouvir o libertador som da campainha. E tudo isso porquê? Porque não tínheis estudado a lição a fundo e não podíeis expô-la de maneira viva.

Certo professor talvez prepare bem a sua lição, mas faz um discurso à classe em vez de fazer perguntas que estimulem o pensamento e animem o estudo. Trinta minutos é demasiado para o professor que *fala* em vez de *ensinar*,

por V. CUMMINGS

Eis um professor que estudou bem a lição durante a semana, e se documentou bastante sèriamente sobre o assunto. No início da classe, inscreve as presenças, faz a colecta. Depois passa a lição. Em primeiro lugar faz perguntas gerais, e em seguida interroga os alunos individualmente. Ninguém sabe quando chega a sua vez, e a atenção está continuamente deserta. Introduce aqui e além uma ilustração apropriada. Tendo uma reserva de conhecimentos sobre o assunto, pode preencher útilmente o tempo atribuído à lição, sem que ninguém encontre a meia hora demasiado longa.

Mas, por importante que seja manter o interesse e atenção durante a lição, isso não representa senão um meio para atingir o fim supremo: uma união mais íntima de cada aluno com o seu Salvador, e a restauração da imagem de Deus nele.

«Achando-se as Tuas palavras, logo as comi», disse Jeremias. Essas palavras foram o gozo e a alegria do seu coração; mais ainda: transformaram o seu carácter a ponto de poder dizer: «Pelo Teu nome me chamo». (Jer. 15:16). Se a lição da Escola Sabatina não produzir este resultado em todos, professores e alunos, o professor fracassou na sua alta vocação.

Assim, em vez de encurtar o tempo consagrado à lição do dia, esforcemo-nos antes por melhorar o ensino. Como professores, não menosprezamos em geral a nossa tarefa? A lição do dia representa para o professor a ocasião por excelência para servir a classe. Exige-se do professor da escola primária — que no entanto apenas constrói para esta vida — uma formação cuidada. Com quanto maior razão o professor da Escola Sabatina, cuja obra é infinitamente mais importante, não deveria estar preparado o melhor possível. Então, a meia hora passada no estudo da lição será preenchida de um modo tão interessante e tão útil que nem o professor nem os alunos terão consciência da sua duração.

Reflecti duas vezes antes de encurtar o tempo consagrado à lição do dia!

# O PURGATÓRIO NO PAGANISMO GREGO-ROMANO

por E. FERREIRA

Encontramos a crença de um estado ou lugar de purificação após a morte na maioria das religiões pagãs.

Na Grécia, já desde os tempos do velho Homero se registava essa crença.

No canto XI da *Odisseia*, Ulisses vai ao fabuloso país dos Cimérios, que fica à entrada do Hades, onde, depois de ter sacrificado e invocado os mortos, acorrem estes, que estão sofrendo as respectivas penas.

«Depois de ter dirigido meus votos e minhas preces ao povo dos mortos», diz Ulisses, «tomei as reses e degoleia-as em cima do fosso. O negro sangue correu, e logo as almas dos defuntos, subindo do Erebo, se ajuntaram. Vieram donzelas, mancebos, anciãos, que tinham suportado muitos males, delicadas meninas, de ânimo atormentado por penas recentes, e muitos varões que foram mortos na guerra, feridos com lanças de bronze, e cujas armaduras estavam manchadas de sangue; e toda esta multidão andava em volta do fosso, uns por um lado, outros por outro, fazendo grande alarido, de sorte que o pálido terror apoderou-se de mim.» (Trad. de Alves Correia, *Odisseia*, Vol. I, Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1938, p. 198).

Dentre os escritores que surgiram mais tarde, salientemos Platão, que em *Fedro*, em *Górgias* e sobretudo em *Fédon*, se fez eco da mesma crença.

Nesta última obra lemos as seguintes elucidativas frases:

*Juízo particular*: «Quando os mortos chegam ao sítio aonde o génio os conduz, julga-se primeiro se tiveram uma vida santa e justa, ou não.»

*Purgatório*: «Aqueles que viveram de maneira tal que nem são criminosos, nem absolutamente inocentes, são enviados ao Aqueronte: aí, são introduzidos em pequenas barcas e conduzidos à lagoa Aquerúsia, onde passam a habitar e onde sofrem as penas proporcionais às suas faltas. Libertos em seguida, recebem a recompensa das suas boas acções.»

*Penas eternas no inferno*: «Os que são incuráveis, por virtude da grandeza das suas faltas, e que cometeram sacrilégios consideráveis e numerosos, assassínios iníquos ou outros crimes semelhantes, o destino fatal, justificando-os, precipita-os no Tártaro, donde jamais regressam.»

*Bem-aventurança das almas sem corpos*: «Aqueles a quem se reconheceu terem passado a vida em santidade são libertos das paragens terrestres como de uma prisão, e recebidos lá em cima, nessa terra puríssima em que vão habitar. E mesmo esses, dentre eles, que a filosofia inteiramente purificou, vivem durante toda a eternidade sem corpos, e são recebidos em estâncias ainda mais admiráveis.» (Trad. de Ângelo Ribeiro, *Fédon*, Porto, 1919, pp. 127, 128).

O que se diz da Grécia, poderia afirmar-se de Roma.

Quem não conhece, por exemplo, o canto VI da *Eneida*, consagrado à viagem de Eneias ao país dos mortos? Depois de ter consultado a Sibila em Cumas, e de esta lhe ter proporcionado a descida ao Averno, encontra seu pai Anquises, que, explicando a situação em que se encontram as almas, lhe diz:

«Metidos em prisão escura,  
Não olham para o céu: e mesmo quando  
Com a postrema luz, a vida os deixa,  
As máculas corpóreas não se apagam,  
De todo, nestes seres desgraçados.  
Estas imperfeições, à alma unidas  
Por longo tempo, nela vão crescendo,  
Forçosamente, de admirável modo.  
Portanto, a pena sofrem de seus crimes.  
Um alma estão no ar suspensas,  
Outras no vasto pego estão imersas,  
Outras se purificam entre chamas.  
Sofremos todos nós os nossos manes.  
Daqui o vasto Elísio atravessamos,  
E poucos os alegres campos temos  
A dita de habitar, quando, acabado  
Do tempo o giro, as manchas inerentes  
Ao corpo se apagaram, e apurou-se  
O fogo simples do celeste raio.»

(Trad. de João Félix Pereira, *A Eneida*, Lisboa, 1879, p. 211).

Era assim que os pagãos de outrora, ao morrerem, esperavam purificar no além os seus pecados...

Não é, porém, com água ou com fogo que podemos purificar-nos das nossas iniquidades.

«Ainda que te laves com salitre e amontoes sabão, a tua iniquidade está gravada diante de Mim, diz o Senhor Jeová.» (Jer. 2:22).

O purgatório, que nos purifica dos nossos pecados, não está no futuro. Foi sofrido, em nosso lugar, pelo «Homem das dores»: «Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si... Foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava

sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados.» (Isa. 53:3-5).

É «o sangue de Jesus Cristo», e não o fogo de um suposto lugar de tormento, que «nos purifica de todo o pecado». (1 João 1:7).

Quão grato estou por o amor de Deus ter superado tudo o que o homem jamais imaginou para obter a vida eterna!

## *Ecoss do Congresso dos M. V. em Paris*

### O CONGRESSO NA IMPRENSA PORTUGUESA

No «Jornal de Notícias», de 22 de Julho, lia-se a seguinte notícia, enviada pelo seu correspondente em Paris:

«A principiar no próximo dia 24 do corrente e durante seis dias consecutivos, vai celebrar-se nesta cidade o primeiro Congresso Europeu das Juventudes Adventistas, que reunirá para cima de cinco mil delegados (raparigas e rapazes) de vinte e cinco países. As representações especificamente europeias juntar-se-ão igualmente algumas outras vindas das Américas, do Norte e do Sul, da África, da Ásia e da Oceânia.

«Esta grandiosa manifestação de fé cristã terá por quadro o vastíssimo Parque das Exposições de Paris, situado na Porta de Versalhes, onde uma área de vinte mil metros quadrados lhe foi reservada para a instalação dos locais de trabalho, das exposições... e dos próprios dormitórios.

«Os trabalhos deste Congresso de Juventude, essencialmente espirituais, procurarão, na prática 'do mais belo desporto moral', lutar contra a invasão do vício e tenderão para uma regeneração dos costumes dissolutos dos nossos tempos, que pervertem a mocidade.

«Considerando-se como Missionários Voluntários, todos estes jovens, que não ultrapassam os trinta anos, desejam reagir 'no meio das capitulações morais do nosso mundo moderno' e mostrar ao resto dos seus semelhantes que a vida da humanidade poderá ser feliz se todos os homens e mulheres de boa vontade se inspirarem no ideal de fraternidade pregado por Cristo.

«Assegurando a representação de Portugal, já uma numerosa delegação aqui se encontra...

«Os 'Missionários Voluntários', que por divisa escolheram 'Levanta-te, ilumina o mundo', propõem-se, nesta verdadeira comunhão internacional, estreitar os laços da sua camaradagem, consubstanciando toda a sua acção nos quatro pontos em que se resume o seu imperativo ideológico: Levantar bem alto o facho do 'rearmamento moral'; mostrar o exemplo de uma vida útil, sã e alegre; fazer irradiar a beleza do ideal cristão; mostrar à nossa Europa e ao Mundo que a fraternidade e o altruísmo não são palavras vãs.»

Já depois do Congresso, o mesmo correspondente escrevia, no dito jornal, em 12 de Agosto:

«O Congresso Europeu da Juventude Adventista, que pela primeira vez se reuniu nesta cidade, como há dias tivemos ocasião de anunciar, acaba agora de dar os seus trabalhos por terminados.

«Vindos de vinte países diferentes e em número superior a cinco mil, os membros deste movimento cristão, que ainda não conta na Europa meio século de existência, entregaram-se durante seis dias consecutivos aos trabalhos inscritos numa ordem do dia cuja preocupação foi a de estreitar as relações de uma mocidade toda votada a um ideal de regeneração moral. Pregando o exemplo da sobriedade, animados pela fé de uma doutrina de altruísmo em que o amor pelo próximo se revela nos actos de cada dia, os milhares de raparigas e de rapazes de nacionalidades tão diferentes souberam bem mostrar em Paris que, na vida, a solidariedade deve ser um sentimento efectivo e constante.

«Instalados em várias dependências do imenso Parque das Exposições e entregues às únicas possibilidades da sua iniciativa, ali souberam organizar os seus dormitórios e todos os serviços necessitados por uma existência colectiva, nada lhes tendo faltado para que nos mais pequenos e insignificantes detalhes se tivesse a visão de um verdadeiro mundo em escala reduzida. Tudo funcionou à maravilha, com todas as modalidades requeridas pelo mais elevado civismo e urbanidade. Mesmo o serviço de ordem, entregue a uns quantos jovens que alguns anos já contam na aprendizagem do mister de missionários, se mostrou impecável, tanto mais que todos se viam integrados nos princípios de uma disciplina livremente consentida.

«Numa semelhante Babel, em que os sorrisos e um reduzido vocabulário de deféncias eram os únicos elementos de compreensão para a maior parte, não houve, porém, nenhuma nota discordante. Irmanados numa confiança recíproca, sem pensamentos que não estivessem inspirados no desejo de melhor cimentarem uma fraternidade mais íntima, todos se mostraram integrados no pensamento de que as fronteiras geográficas ou linguísticas por nada devem levar os homens a olharem-se como inimigos. E isso, sem dúvida alguma, foi de todas as demais a nota superior da demonstração de que 'um pensamento são num corpo são permitirá a todos os jovens serem nos seus países respectivos e no próprio Universo, elementos de paz e de felicidade'. Conjugando os seus esforços, trabalhando com desinteresse e ardor por

uma causa que a todos galvaniza com idêntica devoção, toda esta mocidade forneceu o testemunho bem precioso na nossa época de que a unidade é possível por cima de todas as diversidades, desde que a boa vontade se expanda no entusiasmo e na alegria de uma abnegação ao serviço da esperança numa existência sem conflitos sangrentos.

«A delegação portuguesa, composta por meia centena de jovens que vieram dos mais diversos pontos do continente e por entre os quais figuravam elementos dos Açores, da Madeira e de Angola, tampouco deixou de associar a este grandioso certame internacional a nota lusitana, que bem raras vezes aparece cá por fora. A exemplo do que todos os demais países fizeram, Portugal apareceu com uma brilhante representação de trajos regionais e fez-se ouvir com uma coral, que, ao som de um harmónio, interpretou vários cantos. Nas inúmeras demonstrações de música e cantos populares que se intercalaram com os exercícios espirituais do Congresso, o grupo português apareceu como uma das mais simpáticas novidades, quer pela vistosa indumentária, quer ainda pelas melodias tão peculiares e cheias de encanto.

«Na companhia de delegações de todas as outras Nações representadas no Congresso, o grupo português assistiu também à recepção organizada pela Câmara Municipal de Paris e ali, perante grande assistência, deu um curto e muito aplaudido recital de cantos, o que constituiu uma simpática propaganda do nosso País.»

---

## ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

---

### Uma irmã — 143 almas

Numa cidade da zona oriental da Alemanha reside uma isolada irmã adventista do Sétimo Dia. É um membro da igreja da Conferência. Não tem comunicação com quaisquer outros adventistas do Sétimo Dia. Bem podia dizer para si mesma: «Não posso fazer muito; estou completamente sòzinha». Foi tentada a compadecer-se de si mesma, a esperar até que alguém da Conferência fosse enviado para iniciar o trabalho naquela cidade; mas em vez de lamentar a sua sorte e de perguntar por que não fazia a Conferência

mais em favor da sua cidade, sentiu-se impressionada, embora pouco instruída e com poucos talentos, a fazer o que estivesse ao seu alcance para levar esta mensagem aos vizinhos.

Uma tarde, muito timidamente, desceu a rua com a Bíblia no casaco debaixo do braço. Orava ao mesmo tempo para que o Senhor a dirigisse aonde devia ir. Ao passar por uma casa, sentiu a impressão de que devia parar ali. Com temor no coração, se bem que com coragem baseada na promessa do auxílio de Deus, bateu à porta.

Quando a dona da casa veio, disse-lhe: «Tenho boas novas para a senhora; posso entrar?» Contou a esta família as boas novas da breve vinda do Salvador e do estabelecimento de um novo mundo onde não haverá guerra, privações, restrições, racionamento nem medo. Ficaram muito interessados e desejaram que ela voltasse e lhes falasse mais e lesse a Bíblia. Tendo continuado este trabalho por vários serões, outras portas se abriram até haver duzentas pessoas interessadas. Não as podia visitar e dar estudos bíblicos todas as semanas, e assim decidiu agrupá-las em pequenas escolas bíblicas.

No começo de 1949 havia apenas esta fiel irmã naquela cidade da Alemanha oriental. Mas devido à sua fidelidade em testemunhar a favor de Deus e do que Ele tinha feito em seu favor, e a ter explicado as verdades da Bíblia na sua maneira simples, Deus abençoou os seus esforços.

Quando um dos nossos ministros pôde visitar as igrejas dessa área, ouviu falar desta irmã e decidiu passar um dia com ela. Ela ficou alegre em o poder ver, porque havia muito tempo que não via nenhum membro de igreja. Acompanhou-a visitando algumas famílias e verificou que tinham sido bem instruídas, tinham aceitado a Cristo como seu Salvador e estavam desfrutando uma experiência maravilhosa. Em vez de passar ali apenas um dia, passou vários. Antes de sair, 143 almas foram baptizadas num pequeno rio.

Nessa cidade, onde havia apenas um crente no começo de 1949, no fim desse ano tínhamos uma igreja de 144 membros, — devido a uma fiel irmã que fez o que estava ao seu alcance para transmitir esta mensagem aos seus vizinhos. — *J. E. Edwards.*

### Experiências na Suécia

Em certo local alguns membros foram interrogados pelos seus amigos acerca da mudança que se tinha operado neles, e por que pareciam agora tão felizes. Responderam que tinham sido convertidos numa reunião adventista. Quando um homem hesitava acerca de assistir às nossas reuniões, foi-lhe dado um sonho. No seu sonho viu uma grande roda em que estavam sentadas muitas pessoas. Havia ali um lugar vazio, e uma voz lhe disse: «Toma esse lugar». Reconheceu que era um chamado para ir às reuniões.

Uma senhora, ao ouvir o primeiro es-

tudo bíblico sobre a reforma de saúde, observou com indignação: «Vejam lá que ainda hoje tinha comido carne de porco! O que restou vai para o caixote do lixo».

Um cavalheiro, ao ser dado outro estudo semelhante, levantou-se imediatamente e lançou o seu cachimbo ao fogão de aquecimento, declarando ao mesmo tempo que o seu uso de bebidas alcoólicas cessaria imediatamente.

Nalguns lugares, pessoas que hesitaram durante anos estão agora tomando a sua posição em favor da Verdade.» — *A. F. Tarr.*

### A hora da oportunidade no Paraguai

O espírito de evangelismo está tomando posse da América do Sul. Quanto regozijo encontramos nesses países onde as igrejas, repletas de cristãos felizes, contaram emocionantes histórias de heroísmo cristão e experiências de conversões de almas! Deve haver mais regozijo no Céu por esses maravilhosos triunfos da Cruz.

Mas o diabo está irado e incitando à oposição. Há pouco tempo alguns dos nossos obreiros no Paraguai foram apanhados de emboscada e quase mortos. Um dos nossos missionários americanos foi ferido várias vezes. Foi-lhe enfiado um punhal no pescoço, quase alcançando a veia jugular. Alguns golpes foram profundos. Quando eu o vi e ouvi a história de seus próprios lábios, esta experiência ainda lhe estava bem fresca na memória. Podemos agradecer a Deus por que os ferimentos sararam. Foi salva a vida de todos os nossos missionários e agradecemos a pronta intervenção das autoridades, pois os criminosos foram presos. Contudo, esta experiência faz-nos lembrar de que «o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.» — *Adlai Esteb.*

### A Áustria desperta para a Mensagem

A Áustria tem sido um dos mais difíceis campos católicos, mas estamos vendo agora sinais de um crescente interesse na mensagem. Presentemente em Viena temos várias congregações activas. Em Salzburg é particularmente grande o espírito missionário.

H. Schnoetzing, enérgico secretário da Missão Interior da União, escreve que

na pequena república da Áustria circularam recentemente cem mil cartões de propaganda do curso bíblico por correspondência. Já foram feitas mil inscrições e espera-se que o número atinja pelo menos duas mil. — *H. F. Brown.*

### O Movimento Adventista em Espanha

Em Barcelona temos duas capelas. Na maior e mais central, há lugar para mais de duzentas pessoas sentadas, além de salas anexas. O ano passado baptizaram-se

ali trinta e sete almas. Há cento e cinquenta na classe baptismal este ano, das quais se baptizarão talvez quarenta ou mais. Não se pode fazer propaganda pública, mas os nossos membros convidam os seus amigos.

Em Madrid temos cento e quarenta e cinco membros de igreja, com um belo edifício, onde simultaneamente funciona a nossa escola de preparação missionária.

Estão-se fazendo planos para abrir salas de tratamentos em Madrid, sob a direcção de um dos nossos médicos espanhóis. — *L. L. Moffitt.*

## «Pelo ar — de Lisboa a Angola»

pelo PASTOR MANUEL LOURINHO  
DIRECTOR DA UNIÃO ANGOLANA



Segunda-feira, 22 de Janeiro de 1951. A partida do avião tinha sido anunciada para as 15,30 horas. Em virtude do atraso de um passageiro, concede-se meia hora de alívio aos que se preparam para partir. Um grupo de irmãos e amigos, chefiados pelo activo presidente da União Portuguesa, veio para dizer-nos adeus e assegurar-nos que nem a distância, nem o tempo, conseguiriam apagar a forte amizade que liga irmãos na mesma fé.

Senhores passageiros para Luanda! Este aviso de um delicado empregado do aeroporto veio pôr certo alvoroço entre os que deviam seguir e os que ficavam.

Trocado o último abraço, tirada a última fotografia, entrámos no bojo do «pássaro» que voaria connosco até Luanda.

Adeus! Adeus! Boa viagem! Os motores começam a roncar, o aparelho estremece, uma breve corrida na pista e segue-se a partida.

Lá vamos nós subindo... os olhos virados para trás, o coração inquieto, mas a alma confiante em Deus, cheia de fé, porque se partíamos para acudir à chamada, Ele cuidaria de nós.

Lisboa fica para trás. É tão linda a nossa Lisboa! E agora, vista da janela do nosso avião, parece mais bela ainda.

Na ânsia de galgar o espaço e parecendo medrosa da noite que se aproxima, a aeronave afasta-se agora da terra para voar sobre o mar; talvez apercebendo-se da esteira deixada naquelas massas de água

pelas naus dos portugueses de quinhentos, ela singra também, orgulhosa de si mesma, governada pelo pulso firme dos portugueses de hoje.

A carreira regular levar-nos-ia a Casa-branca, onde encontraríamos os nossos amigos da Missão Marroquina. Desta vez, esclarece-nos amavelmente um dos tripulantes, voamos directo às Canárias. Estamos fazendo uma viagem de estudo e preparação para futuras ligações da linha imperial com estas ilhas do Atlântico.

Estamos agora por cima de um mar de nuvens brancas, acasteladas, bem arredondadas, parecendo enormes novelos de fina lã, pura como a neve. Um lindo luar, na sua poeira luminosa, vem agora espreitar, no meio desse mar de nuvens, imenso, pelas janelinhas do avião; e o «pássaro» gigantesco, com o caminho iluminado, parece mais seguro de si, dando-se ares de senhor da distância e do espaço.

Gentil menina, a «assistente», na linguagem de bordo, serve-nos apetecível refeição. No letreiro luminoso aparece o conhecido aviso: «Apertar cintos». Vamos picar, diz-nos, sorridente, um simpático tripulante que passa junto de nós. Aquele picar era o mesmo que perfuração da camada de nuvens a que nos referimos, para em breve avistarmos no meio do mar imenso — um punhado de terra, onde brilhavam algumas luzes, anunciando que o fim da primeira etapa estava quase a chegar.

Breve corríamos ao longo da iluminada pista para nos determos mesmo em frente da entrada principal das belas instalações do aeroporto.

Enquanto se faz a revisão dos motores e o reabastecimento dos combustíveis, aproveitamos fazer uma visita às instalações do aeroporto e trocar impressões com os curiosos que sempre aparecem à chegada dos aviões. Breve tudo estava a postos e eis-nos de novo no ar — rumo a Dakar. A cidade e o porto, profusamente iluminados, surgem-nos antes da manhã romper. Pés em terra, dirigimo-nos para o restaurante que nos indicam, a fim de tomarmos o pequeno almoço. Embora não fosse nosso hábito comer a hora tão matutina, a pequena refeição dispôs-nos bem. A boa disposição aumentou quando nos declararam que nada tínhamos a pagar por estar tudo incluído no custo do bilhete.

Foi o nosso primeiro contacto com a terra africana. A pequena paragem que tivemos não permitiu fazer uma visita àquela cidade senegalesa que, minutos depois, tornávamos a admirar, lá do alto, a caminho da Libéria. As horas passam ligeiras. Já em pleno dia começamos a voar por cima da Guiné. Estranha sensação se apodera de nós ao atravessarmos aquelas vastas regiões desertas, cheias de canais e ilhotas inóspitas. Mas é também terra nossa; muito nossa. Também ali vivem milhares de portugueses que, a despeito da dureza da terra e do clima, mantêm firme a nossa soberania.

Indiferente aos nossos sentimentos, o avião continua na sua carreira veloz. É preciso alcançar Robert-Field antes do meio-dia. E assim foi. Esse vasto campo instalado pelos soldados americanos durante a última guerra, está agora sob os nossos pés e o avião começa já a descer. A aterragem faz-se admiravelmente. O Sol escalda-nos. Os habitantes da região aparecem-nos vestidos com lindos mantos multicores. A tripulação do avião é seguida pelos passageiros, dirigindo-se ao restaurante instalado em confortável barracão que serviu de alojamento aos soldados americanos. Terminado o almoço voltámos a ocupar os nossos lugares no avião e a apertar os cintos. O avião desliza veloz na imensa pista e começa a elevar-se rápido. Voa agora por cima de densas florestas. O panorama é vasto e impõe respeito. Contudo sentimo-nos mais tranquilos por voarmos sempre sobre terra. Entre os passageiros de um avião existe a convicção de que os riscos são diminuídos nos voos por cima da terra!

Estudámos o nosso pequeno atlas de algarveira e começámos a traçar a linha que vamos seguindo. Breve deixaremos o ter-

ritório da Libéria. Essa pequena república testemunha o esforço ingente produzido por esses negros libertados da América, que, no seu amor pela liberdade, vieram, no primeiro quartel do século passado, fundar uma nova pátria nas costas da Guiné.

Já se desenrola diante de nós o vasto território da possessão francesa da Costa do Marfim. A seguir virá a Costa do Ouro. Toda esta travessia leva-nos mais de cinco horas.

O dia estava já declinando quando avistámos a cidade de Accra onde íamos aterrar. Um pouco mais e a longa pista começa a fugir sob as asas do aparelho. Pronto. Já parámos mesmo ao lado de um outro gigante dos ares que tinha chegado antes de nós.

O hotel «Lisboa» fica mesmo em frente do aeroporto e é para lá que nos encaminham. Pretendemos ir à cidade mas esta fica longe e a hora do jantar aproxima-se. É pena que tudo tenha de fazer-se correndo, mormente quando estamos ávidos de novas emoções.

No hotel vamos ocupar confortável aposento que dá para uma imensa galeria toda vedada de fina rede. Sobre o leito estende-se um longo mosquiteiro. Compreendemos logo que precisávamos acautelar-nos e defender-nos desse outro habitante da África — o mosquito transmissor das febres palustres — que tantas vidas tem ceifado, contado como um dos mais perigosos inimigos do homem.

A largada para a etapa Accra-S. Tomé estava marcada para as 5,30 horas. Fazia ainda bastante escuro quando saímos do hotel para observarmos a região. Sobre largo recinto lagueado, ali mesmo a poucos metros de distância da saída do hotel, deparámos com um homem ajoelhado, inclinando-se repetidas vezes e beijando a terra. Era um discípulo de Maomé que fazia a sua devoção matinal.

Enquanto aquele muçulmano invocava *Allah* como seu Deus, vieram-nos à mente aquelas palavras de Jesus dirigidas aos Seus discípulos e consignadas no evangelho de S. Mateus, cap. 28 e vers. 19 e 20.

«Ide por todo o mundo, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.»

E, assim, fortalecidos e animados na convicção de que também nós, como portugueses e como cristãos, devíamos contri-

buir para a evangelização dessa África que os portugueses descobriram, dirigimo-nos, com passo firme, para o nosso avião que se preparava já para a largada.

Após cinco horas de voo, surge-nos a linda ilha de S. Tomé, como lindo «nappe-ron» de fundo verde, matizado de lindas cores, acolhedoramente estendido sobre o azul das águas.

As dimensões do campo são pequenas e exigem perícia da parte dos tripulantes do aparelho, mas o nosso hábil piloto não conhece dificuldades e poisa tranquilamente naquele pedaço de linda terra portuguesa.

Ocupados os lugares no carro que os «TAP» põem à disposição dos seus passageiros, seguimos entre palmeiras verdejantes primeiro, depois através da cidade, até aprazível local onde nos esperava o almoço servido ali mesmo, junto ao mar.

Pelo telefone comunicámos a nossa chegada para a Missão Adventista, e, minutos depois, o director da Missão, pastor E. Miranda, com a sua equipa, vem ao nosso encontro. A visita à Missão foi rápida. Uma vez em terra, os passageiros de um avião têm a noção de que as horas também voam e é preciso não faltar à hora da largada.

No aeroporto os nossos amigos despedem-se de nós e ficam a admirar o garbo com que o aparelho se levanta correndo veloz já sobre o mar.

O aviso luminoso: «Apertar cintos! Não fumar!» mantém-se por mais tempo que o habitual, trazendo-nos certa preocupação. Começa a sentir-se o que em linguagem de bordo chamam «trabuzana».

O sr. comandante, sempre amável, tranquiliza-nos: «Estamos subindo a dez mil pés! Encontramos umas nuvenzinhas, e dentro de pouco tudo vai passar». Com efeito, as nuvens que se atiram sobre o aparelho, parecem montanhas. O avião procura evitar o seu encontro enfiando por espécie de enormes vales que, lá em cima, separam aquelas densas massas de vapor.

À medida que o avião voa mais alto, mais forte batem também os nossos corações. Foi, pelo menos, esta a minha experiência. Foram umas horas de inquietação que não desejo ver repetidas.

O aviso luminoso apaga-se por fim e todos nós respiramos melhor. As coisas tinham melhorado e já não exigiam aquela precaução.

Quem uma vez tenha andado entre o céu e a água, poderá avaliar o estranho

alvoroço que provoca, entre os passageiros de um avião, o aviso de que há terra à vista. Foi assim mesmo. Cabeças coladas aos vidros das janelas; olhos postos no horizonte; lá estava ela, a terra da promessa para tantos portugueses, a apetecida terra de Angola.

A entrada da barra de Luanda é qualquer coisa de empolgante que nos encanta e extasia por largo tempo. A cidade linda, cheia de Sol, saúda-nos cá de baixo estendendo à nossa frente a sua bonita ilha de dois quilómetros de comprimento, mais parecendo elegante passadeira convidando-nos a passar antes de avistarmos a recta pista do aeroporto, qual comprida língua de gigante, saindo da enorme bocarra de um monstro, recebendo-nos como heróis triunfantes dessa magnífica epopeia atlântica.

Vêm depois os primeiros contactos com esses outros portugueses nossos irmãos na raça e na fé, alguns deles loucos de saudades por aquele pedaço de terra distante que os viu nascer e onde vivem os seus queridos que constantemente trazem dentro do peito.

Os dois dias que permanecemos em Luanda, esperando o avião para Nova Lisboa e fazendo algumas visitas, passaram rápidos.

De Luanda voámos para o Lobito sempre ao longo da costa recortada de pequenas baías onde o mar se espreguiçava e a espuma branca das ondas deixava assinalado, em riscos brancos, o nível das águas.

O Cuanza corre agora por baixo de nós, sereno e vagaroso, a caminho do mar imenso onde as suas águas breve se confundirão para sempre com as do grande abismo.

A travessia dura pouco mais de uma hora. No Lobito a paragem é pequena. Entram novos passageiros e recebem-se as malas do correio.

O avião torna a levantar voo e, desta vez, para a última etapa da nossa grande viagem. Estamos agora por cima de altas montanhas a caminho do planalto.

Sob as asas do avião passam agora algumas aldeias indígenas; fazendas bem cuidadas; estradas e caminhos. A seguir vem o caudaloso Catumbela onde brinca o hipopótamo e o jacaré espreita a sua presa.

Em pleno planalto surgem algumas povoações com casas brancas e, ali bem no alto, mostrando quanto a força de vontade

e o engenho do homem podem realizar, vemos uma locomotiva seguida de algumas carruagens, serpenteando vales e montanhas. É o caminho de ferro de Benguela, gigantesco empreendimento do grande engenheiro e industrial inglês Robert Williams, a quem Angola tanto ficou devendo.

Avistamos agora dois grandes maciços de pedra, pouco distanciados um do outro, parecendo duas sentinelas vigilantes.

Mais um resfolegar dos motores e Nova Lisboa surge-nos atrás desses dois monstros, alegre, doirada por um lindo Sol, rodeada de campos com lindas flores, nessa linda manhã da última sexta-feira do mês de Janeiro de 1951.

Os leitores poderão compreender a nossa satisfação e alívio ao pormos pé em terra depois de termos voado alguns milhares

de quilómetros, num simples bimotor, embora sejamos lídimos descendentes dos Coutinhos e dos Cabrais.

Uma delegação de membros e obreiros das Missões Adventistas encontrava-se no aeródromo para nos dar as boas-vindas — gesto que muito nos sensibilizou.

Após o almoço de confraternização em casa do secretário-tesoureiro da União, o pastor A. Casaca, director da Missão do Bongo, conduzia-nos a esta Missão, onde os ilustres visitantes da Divisão Sul-Europeia, presidente W. R. Beach e secretário de campo A. D. Gomes, nos esperavam para iniciarmos uma viagem de inspecção aos Campos Missionários da União de Angola.

Do que foi essa viagem e do mais que se seguirá, diremos aos prezados leitores em próximos artigos.

## NOTÍCIAS DO FOGO

**VITÓRIAS MISSIONÁRIAS** — Cabe-nos informar os nossos prezados irmãos que, apesar das dificuldades destes últimos dias, enfrentadas a cada passo no trabalho de evangelização, feito no Fogo, a obra avança sempre em notável progresso e com expectativa de êxito no futuro, sendo, portanto, de agradecer a Deus por tão importantes vitórias alcançadas no campo das nossas actividades.

O semestre findo permitiu-nos executar um programa cujos actos contemplados foram de extraordinária beleza espiritual — actos harmoniosos no seu conjunto, estimulantes na sua natureza, tocantes na sua forma, e que ainda hoje se conservam vívidos na memória de todos nós.

Foi no dia 2 de Junho que se realizaram importantes cerimónias na igreja do Curral Grande perante o concurso de uma numerosa assistência, muito superior à lotação da nossa sala de culto.

O primeiro acto a despertar atenção foi a consagração solene dos membros dirigentes da Igreja (Diáconos e Ancião), depois de uma pequena e substancial prédica do Pastor Cordas, seguindo-se-lhe, na ordem do programa, a imersão de dezasseis preciosas almas das mais variadas idades, destacando-se, sobretudo, um bom número de jovens de ambos os sexos. E, a dizer a verdade, os anjos do céu se regozijaram quando estes dezasseis cren-

tes selaram sua unidade com Cristo no Baptismo.

A imponência deste acto, se assim o podemos considerar, teve o seu excelente remate quando um casal de crentes, que havia pouco se unira em santo matrimónio, cedeu ao convite do Ancião, disposto, portanto, a submeter-se ao cerimonial rito de casamento, vendo-se depois pais adventistas aproximarem-se da tribuna e fazerem a entrega dos seus pequerruchos para serem consagrados pelo Pastor.

Seguiram-se na mesma ordem, na mesma harmonia e na mesma elevação de interesse a comemorativa cerimónia da Santa Ceia e a significativa ordenança do lava-pés — a primeira cheia de comovente espiritualidade e a segunda impregnada de amor fraterno.

De facto, a Igreja progride, e, agora, constituída por cinquenta e nove membros, excepção feita apenas de quatro que se encontram ausentes, impõe-se-lhe cada vez mais o dever de ir «alongando as suas cordas, e firmando bem as suas estacas», trabalho no qual estamos activamente empenhados, sendo, portanto, de apreciar as actividades missionárias que se estão a exercer em diferentes lugares, denominadamente S. Filipe, Curral Grande, Piquinho, Lagariça e Monte Largo, apresentando-se-nos, actualmente, a bela oportunidade de penetrar no sítio de Galinheiro.

Longe de descurar o zelo indispensável à boa marcha do nosso trabalho, podemos afirmar que no dia 23 de Junho, dedicado à Escola Sabatina, a qual conta oitenta e sete membros inscritos e para cujo andamento havíamos preparado um interessante programa, mesmo antes da chegada do necessário material, vindo de fora, mereceu uma atenção cuidada de todos nós, tendo a colecta desse Sábado ultrapassado em muitos escudos as dos outros Sábados.

Neste nosso artigo não queremos de maneira nenhuma esquecer o bom êxito obtido no trabalho da Campanha. É certo não termos ultrapassado o alvo, mas mesmo assim verificou-se em nós grande contentamento, dado o facto de havermos alcançado o que nos havia sido proposto, razão por que agradecemos a Deus por esta vitória ganha num meio tão pequeno e tão desprovido de recursos como é a cidade de S. Filipe.

E, finalmente, para terminar esta bela página de vitórias, resta-nos informar ainda aqueles a quem ela se destina do feliz resultado com que uma irmã nossa foi há pouco operada. Tratava-se do caso de uma micose vulgar aqui em Cabo Verde. O médico, pessoa nossa amiga, ao ter conhecimento do facto, mostrou a conveniência que havia em ela ficar internada no Hospital de S. Filipe, muito melhor do que se tivesse ido a S. Vicente, segundo era o nosso desejo. A operação cirúrgica, porém, não se fez esperar; e, ao aproximar-se da sala, Engénia Mendes, crente de 52 anos de idade e mãe de dois filhos, ambos baptizados, sabia que ia sofrer a amputação de uma perna. E foi corajosa neste ponto! Agora vai fazer um mês que ela se acha em cuidadoso tratamento: resignada, forte e bem disposta, dizendo a quantos a visitam que foi sua Fé no poder de Deus que a salvou, pois poderia sobrevir-lhe algum grave acidente no decurso da operação e, assim, perder a vida.

Deixando agora o assunto em que estamos e no qual apenas consignamos as muitas bênçãos de que a Igreja tem sido alvo, vamos entrar a breve trecho na descrição detalhada dos trágicos acontecimentos que poucos dias depois aterrorizaram a ilha inteira, envolvendo em grandes aflições os seus 16.705 habitantes, segundo o censo de 1951.

**QUANDO O VULCÃO DO FOGO ENTROU EM SUA NOVA E SINISTRA ACTIVIDADE** — Desde 1857 que o gi-

gantesco Vulcão do Fogo, nos seus imponentes 2.829 metros de altura, permanecia em estado de quietude e silêncio, vindo, porém, a fazer-se sentir agora em toda a sua sinistra actividade, talvez por mero capricho de querer que se mantenha sempre a sua periclitante continuidade, atentas as notícias consignadas desde a primeira erupção — 1675, 1680, 1757, 1761, 1769, 1785, 1799, 1817, 1842, 1847 e 1857.

É interessante notar o que acerca dele escreveu o distinto administrador do concelho do Fogo, Luís Silva Rendall, no n.º 19 da Revista «Cabo Verde», sob a epígrafe «*O Vulcão do Fogo*» (após uma breve alusão aos cataclismos resultantes de tremendas erupções vulcânicas registadas no antanho: Laki, em 1783, que matou 10.000 pessoas e 230.000 cabeças de gado; Montanha Pelada, na Martinica, em 1902, que aniquilou completamente a cidade de S. Pedro e fez em poucos minutos 35.000 vítimas; e, finalmente, Cracatoa, em 1883, que destruiu 36.000 vidas...) — «...mas estamos crentes que não temos a temer desastres graves, pessoais ou materiais, de futuras actividades do nosso vulcão em vista do seu passado conhecido».

E ao rematar o seu extenso artigo, com referências à undésima erupção — a de 1875 — externava ainda a seguinte opinião: — «*Foi a última... e quando será a próxima?*»

Posto que assim formulada, não há a negar que semelhante pergunta nada envolvia de qualquer pressentimento ou preságio sobre a possibilidade de um iminente acontecimento relativamente ao vulcão do Fogo. Entretanto, algo de monstruoso se estava desenvolvendo inconscientemente além da anfractuosa Serra, mas sem que ninguém o pudesse adivinhar.

Pouco depois da publicação do seu assunto (um mês e tal), eis que o próprio Administrador do Concelho, tendo tido conhecimento do que acontecera, assume o doloroso encargo de noticiar ao povo da cidade que havia fogo na Serra, pois que o vulcão tinha entrado em recente actividade.

Manhã de 12 de Junho. Alarme na Ilha. População alvoroçada. De facto, a noite do dia anterior se encarregara de anunciar, como fiel mensageira, este funesto e trágico acontecimento mediante grandes tremores de terra.

Ouvem-se agora estrondos, e presume-se que o fogo que dizem além na Serra, talvez se alastre e atinja a cidade. Há choro

nas casas, gritos da multidão nas ruas, bem como uma desatinada correria de gente aflita. Os comerciantes apressam-se a fechar os seus estabelecimentos, funcionários públicos saem das repartições e olham, sobressaltados, para todos os lados. À porta da Igreja Matriz estaciona uma amálgama que, de mãos postas, suplica protecção aos seus padroeiros. Densos rolos de fumo, saindo por detrás da Serra, elevam-se na atmosfera, dando ao céu um aspecto sombrio. O Sol toma uma cor sanguínea, o mesmo acontecendo de noite quando apareceu a Lua. Os abalos de terra sucedem-se, os ruídos subterrâneos multiplicam-se e grande chuva de poeira cai lentamente sobre a cidade, imprimindo-lhe, assim, a desagradável aparência de uma carvoaria, tendendo o terror a tomar proporções cada vez maiores.

Acolá, na vizinha Brava, grande é também o susto da população, pois ouvem-se os mesmos ribombos e presencia-se a mesma queda de partículas vulcânicas.

Eis que se aproxima a parte escura do dia e, como medida de precaução, ninguém dorme em casa, salvo aqueles que põem a sua confiança em Deus como sua Rocha inamovível.

De noite, na Praia, todos os habitantes que desde os primeiros momentos vivem as mesmas angústias e inquietações que a própria gente do Fogo, acorrem aos pontos altos a ver os diferentes aspectos que a erupção, apesar da distância, permite observar. É a ideia predominante é de que a ilha se está desfazendo ante os infernais turbilhões de fogo, saindo da cratera aberta (a princípio duas...). Felizmente, ao povo de S. Filipe, mercê de Deus, não é dado contemplar este horripilante quadro.

Mas vejamos agora, estupefactos, o que se está passando lá fora no interior da ilha: No sítio de Relva há desmoronamento de casas, pois tal é o abalo, e os habitantes fogem, espavoridos, para a vizinha região dos Mosteiros; grandes torrentes de lava, emanadas do Vulcão, vem abafar por completo o verdejante Cova Matinho, alastrando-se até chegar perto de Bombardeiro, quase junto ao mar; cá em cima está a povoação de Cova Figueira, cujos habitantes se afugentam aos primeiros indícios do perigo. Alfim, «toda a população das áreas evacuadas é concentrada no sítio de Patim, onde lhe não falta a mais pronta e completa assistência».

«O gado é encaminhado para os campos

mais seguros do Sul da ilha, e, como medida meramente preventiva, as populações de outros lugares são transportadas para o referido sitio de Patim».

E de salientar a diligente solicitude com que o ilustre Administrador do Concelho, Luis Silva Rendall, procura manter a população sempre em boa ordem e serenidade e sem nunca lhe faltar com o conforto moral da sua presença.

Sua Excelência o Governador da Colónia, tenente-coronel doutor Alves Roçadas, de visita em Santo Antão, ao inteirar-se do facto, embarcou a bordo do lugre-motor «Senhor da Areias», em direcção ao Fogo, a fim de prestar assistência moral a toda a população e tomar o comando dos trabalhos em realiação. Permanece na ilha durante alguns dias, presencia a aflicção do povo, regressa, finalmente, a Praia e então a respeito escreve o seguinte:

«Ilha do Fogo! Só fogo!  
Vomita fogo, o vulcão!  
Mulheres com fogo nos olhos  
E fogo no coração...»

O autor destas linhas e sua família (mulher e três filhinhas), confiando na promessa divina: «Socorro bem presente na angústia», oram persistentemente a Deus; fazem-no dia e noite; tentam abstractir do que os rodeia (ruídos subterrâneos, abalos, multidão alvoroçada, etc.), para com mais calma se aproximarem de Jeová; resignam-se, pois, e, como tal, procuram retemperar a sua Fé nas palavras de Jesus: «Seja feita a Tua vontade...»

Há, porém, outra ideia que os preocupa e os torna perplexos e meditabundos, a saber, o estado dos crentes em Curral Grande. Entrementes, da Praia chega o seguinte rádio de animação, do Pastor Cordas: «Gregório Rosa, Fogo. Em meu nome e Missão desejamos Igreja esteja bem. Protecção Deus. Ansiosas notícias. Oramos. Abraço».

A este rádio, recebido a 14 de Junho, respondemos no mesmo dia e da seguinte maneira: «Agradecemos vossa oração. Apesar continuidade tão funesto acontecimento Igreja permanece animada fortalecida sua Rocha Eterna. Retribuindo carinhoso abraço Gregório».

De facto, o rádio expedido do Fogo era a expressão da verdade. Vejamos: — Dia 13 de Junho. Mula aparelhada. Eis o Ancião da Igreja a caminho, estrada fora, em direcção ao Curral Grande. A contrastar com o desânimo dos que correm e gri-

tam, encontra os crentes, uns entregues à sua faina caseira, como de costume, e outros empenhados em activos estudos bíblicos. Com efeito, grande é o poder da Fé daquele que crê na Palavra de Deus!

Do dia 22 em diante, a situação tende a normalizar-se em todos os sectores da vida da ilha. Há agora um verdadeiro êxodo, que nos faz lembrar Israel quando saíu do Egipto para Canaan. «A população da zona Leste, começa a regressar aos seus lares não atingidos». Esta multidão encontrava-se no sítio de Patim: — Homens e mulheres, alguns deles já curvados ao peso da idade; jovens, rapazes e meninas, ajudando os pais — uns levando criancinhos às costas e outros carguinhos à cabeça; os animais seguem à frente, ao mando habilidoso de quem os conduz; e o ruído dos carros de transporte, passando relâmpago numa azáfama impertinente de vaivém, parece entrar em conflito com os constantes ribombos do Vulcão.

É então que o dr. Orlando Ribeiro, professor cátedrático da Universidade de Lisboa, vindo desta capital, sobrevoa o vulcão. Mas a intensidade do calor produzido pelas chamas provenientes da cratera, é tal, que não permite a aproximação do aparelho, pelo que regressa à base, na Ilha do Sal. O referido professor volta depois num barco de guerra em companhia de mais dois colegas, e todos se acampam num lugar não muito distante do vulcão, cujo objectivo é estudar e fazer observações.

Antes, porém, de deixar a Ilha, o grande homem de ciência faz uma brilhante prelecção, estudos científicos sobre os vulcões, e tira irrefutáveis conclusões que o permitem discorrer, sàbiamente, com grande clareza e simplicidade, acerca do vulcão do Fogo.

Consideremos agora os estragos produzidos: — Das crateras abertas, na denominada planície da Chã das Caldeiras, saem, alternativamente, grandes turbilhões de fogo semelhantes a repuxos de água e a escória expelida forma dois montes, baptizados pelo colega do dr. Orlando Ribeiro, respectivamente, Monte Rendall e Monte Orlando Ribeiro; um grande mar de lavas vulcânicas, seguindo em direcção Leste, submerge, primeiro, os lugares circunjacentes (Curral de Asno, zona de cultura de rícino, uma das maiores riquezas da Ilha; Monte Bula, um pouco mais abaixo; e Estância Roque), atingindo, finalmente, sempre na mesma direcção, o aludido sítio de Cova Matinho; tanto casas como

zonas de cultura, tudo fica debaixo de lavas. E a julgar por estimativa, centenas de hectares de bom e fértil terreno ficam completamente danificados, incluindo uma grande quantidade de canalização de água.

Mas à data em que escrevemos este artigo (Julho, 25), o Vulcão continúa roncando ainda, e de tal maneira que se sente às vezes tremer o chão, sobretudo de noite. Há, portanto, 37 dias que se acha em contínua actividade, dia e noite, e sem parar.

Que significa, logo, tudo isso? Só Deus o sabe! Será o sinal do fim? Ou será um misericordioso aviso de Deus aos habitantes do Fogo, levando-os à decisão, à aproximação do Senhor e à prática da verdadeira piedade? Entretanto, uma coisa é certa, a saber: «Deus escreve direito por linhas tortas»; «e todas as coisas contribuem para o bem daqueles que O amam».

Há a notar o facto de, nesses primeiros dias de dura aflicção, muitos terem mostrado desapego à vida material e às coisas terrenas que os prendiam. Só a nossa vida tem valor; só ela é mais valiosa do que os cabedais adquiridos. Jesus diz que «a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui». Ele repete ainda: «De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?»

Assim, para nós crentes, o caso do vulcão do Fogo encerra uma importante lição: veio para nos provar; para nos desacorrentar do mundo, do pecado e da concupiscência da carne, levando-nos para mais perto do Senhor, nosso Deus.

Felizmente, algumas almas sinceras compreenderam esta verdade e tomaram já a sua decisão. Numa classe baptismal recentemente organizada, estamos trabalhando com algumas delas — quatro corações bondosos e amantes do Redentor Jesus, que esperam ingressar no seio da Igreja em meados de Agosto.

Que o Senhor nos ajude a batalhar pela Fé nestes últimos dias da história da terra, é o mais ardente desejo deste vosso servo em Cristo

*Gregório da Silva Rosa*

---

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e no campo português.*

---

# NOTÍCIAS DO CAMPO

**FAMÍLIA DIAS GOMES** — Vindas da Suíça, vieram passar algum tempo em Portugal as Irmãs Mercedes Dias Gomes e Gabriela Dias Gomes, a quem desejamos uma feliz estadia entre nós.

**IR. IRENE GERBER** — A fim de se familiarizar com a língua portuguesa, chegou a Lisboa em 3 de Agosto a Ir. Irene Gerber, que irá exercer a enfermagem no Hospital do Bongo, em Angola. As nossas boas vindas.

**PASTOR ROBERTO GERBER** — A caminho de Angola, esteve entre nós nos dias 27 e 28 de Agosto o Pastor R. Gerber. Desejamos-lhe boa viagem, e a sua Esposa, que o acompanhava e ficou em Lisboa, uma alegre permanência no nosso meio.

## CONFERÊNCIA PORTUGUESA

### Lisboa

**AGUARDANDO A VOLTA DO SEU SALVADOR** — («...aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele»).

Depois de um longo período de sofrimento descansou da sua já longa jornada neste mundo de sofrimento e maldade, a nossa saudosa Irmã na Fé, Sr.<sup>a</sup> D. Lúcia Henriques, extremosa esposa do Diácono da nossa Congregação Sr. José Maria Henriques.

Foi no dia 11 de Julho que perante numerosa assistência formada por membros de família, amigos íntimos da família e irmãos na Fé, tanto em casa como depois no cemitério, lembrámos as promessas divinas para aqueles «que em Jesus dormem». É consolador, tanto para nós como principalmente para seu esposo, saber que a nossa irmã manteve a esperança bem viva no seu Benedito Salvador, por tanto tempo quanto durou a sua lucidez de espírito. Bem pouco tempo antes de findar o seu sofrimento estava ela pedindo a pessoas amigas que aceitassem a Jesus como seu Salvador!

**MAIS UM SERVIÇO BAPTISMAL** — («Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida»).

Na tarde de Sábado de 18 de Agosto novamente a Igreja se reuniu para testemunhar a Profissão de Fé de mais onze novos membros.

«Era assim que se praticava o baptismo nos tempos apostólicos!» Comentava uma visita a um vizinho da cadeira ao lado. «Sr. pastor, que é preciso fazer para também ser membro da sua igreja? Pois também eu desejo receber o mesmo baptismo», perguntava-nos ao fim da reunião uma outra pessoa.

Foi, realmente, uma abençoada reunião em que outra vez sentimos a benéfica acção do Espírito de Deus! Perante a profissão de fé e o baptismo destes novos membros viram-se lágrimas em muitos olhos. Lágrimas que por certo traduziam a tristeza de uns, por sua vida ainda não estar de acordo com a vontade do seu Salvador e de outros que, unindo-se pessoalmente ao voto de fidelidade dos seus novos irmãos, estavam de novo depondo seu coração nas mãos d'Aquele que os pode purificar!

Prestes a findar esta reunião, muitas visitas se levantaram manifestando o desejo de em classe baptismal estudar de mais perto as bases dessa

«Fé que uma vez foi dada aos santos» e, ao mesmo tempo, pedindo à igreja o auxílio de suas orações para que em breve possam seguir o Caminho que o Salvador indicou.

Possa Deus ajudar-nos para que a nossa Congregação tenha a alegria de breve voltar a presenciar outra reunião semelhante! Aos nossos novos irmãos e irmãs lembramos a admoestação divina: «Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida».

M. Leal

### Setúbal

É com prazer que anunciamos a organização de uma Escola Sabatina Filial em Aires, localidade onde há algum tempo estamos fazendo um esforço de evangelização e onde desde as primeiras reuniões se tem manifestado interesse. A sua inauguração teve lugar no dia 12 de Agosto, pelas 15,30 horas.

Conta actualmente 19 membros, divididos em duas classes: Adultos com 9 membros, Menores com 10. Para uma melhor apreciação desta Escola transcrevemos a sua 1.<sup>a</sup> Acta (da reunião inaugural) que é como segue:

### «ESCOLA SABATINA DE AIRES» (Filial de Setúbal)

«Acta n.º 1 — Aos doze dias do mês de Agosto de 1951 realizou-se em Aires mais uma reunião à qual foi dado o carácter de Escola Sabatina.

Iniciaram-se os trabalhos com a entoação das estrofes do hino n.º 282 e a oração do nosso Pastor J. J. Laranjeira.

Depois de alguns breves comentários feitos pelo nosso Pastor sobre a maneira como funcionam as Escolas Sábatinas, foi por ele apresentada a necessidade da escolha de um director e de um secretário. Interrogados os assistentes sobre a sua opinião na escolha do director, recaiu ela, como era de esperar, sobre a sua própria pessoa, que de boa vontade aceitou e agradeceu o cargo em que, a partir desse momento, se encontrava investido. Foi já como director da Escola Sabatina que apresentou o nome de José Domingos Tavares para secretário da mesma, o qual parece também ter tido a aprovação dos membros presentes.

Feita a escolha da Direcção da Escola Sabatina, e inscritos no respectivo cartão os nomes do director e secretário, foi primeiro dada a palavra ao segundo que, após a chamada, fez uma rápida dissertação sobre as dificuldades e facilidades que os estudantes das Sagradas Escrituras encontram na realização de tão dignificante trabalho, realçando o sentido do aforismo «A quem com Deus anda Deus o ajuda», cujo significado se extrai de S. João 14:17.

Seguidamente, e a título de elucidação sobre a maneira de fazer o estudo das lições, o secretário estudou juntamente com os assistentes a primeira lição do Trimensário: «VIDA E ENSINOS DE JESUS», intitulada «Sinceridade e Simplicidade no Serviço e na Consagração». Terminado este estudo, durante o qual o nosso director auxiliou alguns alunos a procurar as diversas citações, tomou ele novamente a palavra

encarecendo o estabelecimento da Colecta da Escola Sabatina, a que imediatamente se procedeu, verificando-se o produto de 12\$50.

As presenças foram em número de 15 membros e 8 visitas, fazendo o total de 23.

Foram encerrados os trabalhos desta reunião inaugural entoando-se em louvor ao Senhor as estrofes do hino n.º 240 e com a oração do irmão Jones da Igreja de Setúbal, por meio da qual pediu a Deus que derramasse a Sua benção sobre os trabalhos desta Escola Sabatina a cuja inauguração acabávamos de assistir.

Setúbal, 17 de Agosto de 1951.

O Secretário,

*José Domingos Tavares*

Deste trabalho em Aires já se vêem os primeiros frutos: um casal que pede o baptismo, e que desde o princípio jamais faltou às reuniões. Só não puderam dar, agora, este passo por a sua situação civil não estar ainda regulada. Além deste casal outras pessoas há interessadas. Que Deus abençoe o trabalho que ali se está fazendo para que almas possam surgir para o Seu reino.

**BAPTISMO** — Tivemos a alegria de acompanhar a Lisboa, no passado dia 25 de Agosto, a nossa estimada irmã Laura Tereza de Jesus Tavares, esposa do nosso irmão professor José Domingos Tavares, que juntamente com um grupo de almas do Barreiro ali — Lisboa — deram o seu testemunho pelo baptismo, contando assim a igreja de Setúbal mais um membro, perfazendo agora um total de 98. Em breve atingirá a casa dos cem, se Deus continuar a ajudá-la como até aqui.

Esse é o desejo do vosso irmão em Cristo.

*J. J. Laranjeira*

### Ribeira de Nisa

Foi com alegria que celebrámos no Sábado, 25 de Agosto, dois baptismos dos Carris.

Unimos a nossa Escola Sabatina Filial à Escola Sabatina da Ribeira de Nisa. Com todos os irmãos reunidos, o mesmo espírito de entusiasmo espiritual os immanava.

Foi maravilhoso contemplar a companhia de muitos de nossos irmãos a assistirem aos baptismos, que foram realizados no Seminário pelo Pastor Alberto F. Raposo.

Os nossos novos irmãos eram: João da Costa Anacleto e João Dias Esperancinha, da aldeia de Monte Roxo (Carris), concelho de Marvão.

Fazemos votos e pedimos a Deus para que todas as almas que se encontram no limiar do Reino, possam fazê-lo o mais breve possível.

«Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura; quem crer e for baptizado será salvo, mas quem não crer, será condenado». Marc. 16:15,16. — *Manuel R. Lobato.*

### MISSÃO DA MADEIRA

Não obstante o tremendo fanatismo que se nota em toda a gente desta maravilhosa ilha, uma boa parcela de fiéis e destemidos irmãos e irmãs tem, com o pretexto da campanha das missões, feito uma boa propaganda da nossa fé, de modo que muitos e muitos milhares de pessoas já têm conhecimento da nossa existência na ilha e da fé que professamos.

Temos animado e conduzido estes irmãos a fazer este nobre trabalho para o Senhor, e no carro

da Missão os temos conduzido às diversas freguesias, e tanto de porta em porta como individualmente milhares têm sido abordados pelos nossos irmãos.

Temos ido a quase todos os arraiais (que tantos são!), onde também temos feito o nosso trabalho.

E assim, prezados leitores, que nossos irmãos madeirenses partilham a sua fé com milhares e milhares, abordando muitas vezes as mesmas pessoas que já tinham sido abordadas nos outros arraiais. Apesar de fazermos este trabalho tanto de dia como de noite, não temos tido qualquer dissabor desagradável.

Todavia, na freguesia de Gaula, a incansável Irmã Alda Marques e a sua companheira, a jovem Maria do Carmo, sofreram desgostos e dissabores. Aí começaram a vender a revista, e as coisas corriam bem; uns compravam e outros davam qualquer importância sem ficarem com a dita revista.

Mas, de repente, aparece-lhes a senhora professora, mal disposta e mandando-as embora dali, dizendo que elas andavam enganadas e procuravam também enganar os que estavam bem, etc., e ao mesmo tempo procurava revoltar o povo contra as nossas Irmãs, de maneira que os que tinham dado os seus donativos exigiam agora que as nossas Irmãs lhes dessem esse dinheiro, e as coisas tornaram-se feias e perigosas. No entanto, as nossas Irmãs foram prudentes e não discutiram. Apenas disseram à senhora professora: «Se nós estamos erradas, a senhora fazia-nos uma grande obra de caridade ensinando-nos o bom caminho, porque nós desejamos salvar-nos». A professora anuiu e combinaram ir ao edifício da escola até a 15 dias. Fomos com elas e outras Irmãs. A senhora professora franqueou-nos a escola, pedimos-lhe para ela deixar estar todo o povo que lá coubesse e que tinha tomado parte na conjura e ela acedeu. Até mesmo gostou da proposta, porque julgava vencer-nos!

Discutimos vários pontos de religião, e muito embora só ela quisesse falar, o pouco que nos deixou dizer parece que foi o bastante para a assistência poder avaliar da nossa sinceridade e fé.

De princípio todos falavam em nosso desabono e apoiavam a professora; mas, por fim, acalmaram e à saída não ouvimos qualquer comentário em nosso desfavor. A própria professora no fim e diante de todos pediu-nos desculpa e disse que não podia discutir verdadeiramente connosco, porque (dizia ela) pouco sabia, visto ser uma simples professora de instrução primária.

Durante a discussão ela só se preocupou em defender o papa, e a certa altura pediu que a aplaudissem, e lhe batessem palmas. Pensava ela que nós com isto nos acobardávamos, mas o feitiço voltou-se contra o feiticeiro...

Mais adiante, pensando que nós éramos demónios em forma humana, mandou que todos se benzessem, e ainda uma outra vez mandou que com entusiasmo dessem vivas ao papa, e nós com toda a força dos nossos pulmões dávamos «vivas» a Cristo.

Noutro lugar do seu discurso (isto quase no fim) disse: «Meus senhores, o erro destes homens é não crerem na autoridade do papa. Mas os seus evangelhos são verdadeiros como os nossos, não tenham disso a menor dúvida».

O diabo ficou derrotado. Usando aquela senhora para impedir que as nossas irmãs ali fizessem o trabalho, Deus fez com que ela fran-

Houve algumas pessoas que não assistiram às últimas despedidas, na altura do embarque, por se sentirem fracas para resistirem a semelhante choque, o que prova suficientemente quanta simpatia e amizade a família Laranjeira soube conquistar aos nossos corações.

A hora a que estas linhas são escritas, já o nosso querido irmão terá sulcado uma boa parte da distância que de nós o vai separar. Que Deus o acompanhe bem como a sua família, dando-lhes uma viagem em que possa refazer-se das energias dispendidas nas últimas canseiras que entre nós passou; que Deus os anime e encorage para enfrentarem o trabalho com que, na ilha do Pico, vão deparar, são as preces que fervorosamente dirigimos ao Céu.

*J. Tavares*

### Ribeira de Niza

No sábado, dia 15 de Setembro, tivemos visitas de honra na nossa Escola Sabatina.

O Irmão Pedro de Brito Ribeiro e sua família, e o Irmão Eliseu Miranda e família. Creio que as nossas amáveis visitas contribuíram para um melhor conforto espiritual.

Tomou a palavra o Irmão Pedro Ribeiro, estimulando a nossa congregação a fortalecer-se cada vez mais na fé.

Salientou a parábola das dez virgens.

- 1) As prudentes, as que estão preparadas.
  - a) As que estão orando e vigiando a cada passo.
  - b) Tem o seu coração aceso, deixando nele uma grande reserva do Amor de Jesus.
  - c) Aquelas que continuam recebendo dia a dia a palavra da fé para se salvarem.
- 2) As loucas, as que não estão preparadas.
  - a) As que vivem entre as prudentes alimentando-se do mesmo alimento, mas vivendo na ociosidade da vida.
  - b) Estas têm o seu coração nas trevas, enchendo-o do amor a este mundo.
  - c) Aquellas que se esquecem dia a dia de se alimentar da palavra da fé, sendo para sua própria perdição.

Esta parábola encontra-se em S. Mateus 25:1-13.

É feito um convite a todas as almas sinceras.

E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem Ouve diga: Vem. E quem tem sede, venha, e quem quiser tome de graça da Água da Vida. Apoc. 22:17.

Na segunda-feira, dia 2 de Setembro, tivemos o privilégio de ter no nosso meio o nosso presado irmão Pastor Mário Abel.

Foram feitos muitos convites, ficando a nossa sala repleta de almas.

Tomando a palavra o nosso Irmão, falou-nos do poder da palavra de Deus. Mostrando os ídolos que os nativos têm para sua adoração, e pelo poder da palavra de Deus em seu coração, renunciavam esses mesmos ídolos, não se envergonhando do Evangelho de Cristo.

Entre nós brancos também temos muitos ídolos, é necessário que recebamos o poder da Palavra de Deus para os deixar.

Ex.: o baton nos lábios, o vinho, os brincos nas orelhas, o tabaco, os anéis nos dedos, o comer a carne de porco.

Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Romanos. 1:16.

O Livro dos Provérbios acrescenta um conselho.

Quem poderá dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado! Prov. 20:9.

*Manuel R. Lobato*

### Praia — Cabo Verde

O lar do Ir. Joaquim Morgado foi enlutado com o falecimento de sua filhinha, ocorrido em 12 de Setembro. Ao nosso presado irmão e a sua esposa apresentamos as nossas condolências, pedindo ao Senhor os revista de coragem nesta hora difícil.

## REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO  
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA  
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA  
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,  
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda  
e M. M. Viegas.

### PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso ..... 1\$50  
Assinatura anual ..... 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA